

Poder e cotidiano na Capitania de Mato Grosso: Uma visita aos Senhores de engenho do Lugar de Guimarães. 1751–1818

M. Amélia A. Alves Crivelente¹

Revista de Demografia Histórica, XXI, II, 2003, segunda época, pp. 129–152

Resumen

La Capitania de Mato Grosso, frontera con los dominios españoles al oeste de la colonia portuguesa del Brasil, surge con el descubrimiento del oro en inicios del siglo XVII. Con la baja de la extracción de las labras cuiabanas y mato grossenses, los recursos obtenidos con las minas, son invertidos en la agricultura, plantío de caña de azúcar para la fabricación de aguardiente y en cereales como maíz y frijol. Algunos de estos mineros se establecen en la región serrana de la Misión de Santana de Sacramento —actual Chapada dos Guimarães. Pasando a fornecer alimentos a la Hacienda Real, volviéndose sucedidos terratenientes y del más grande plantel de esclavos de la Provincia. Este artículo pretende dar un breve panorama de esa sociedad en la que se configura la frontera oeste, después de la baja del oro.

Palavras-chave: Senhores de engenho; posse de escravos; colonização.

Resume

La Capitainerie du Mato Grosso, frontière avec les domaines espagnols à l'ouest de la colonie portugaise au Brésil, surgit avec la découverte de l'or au début du XVIII^e siècle (18^eme). Avec le déclin de l'extraction des exploitations aurifères de Cuiabá et du Mato Grosso, les ressources obtenues dans les mines

1 Professora del Centro Universitário UNIVAG-MT, Matto-Grosso (Brasil). Doutoranda Demografia Histórica. Membro do NEPS-Núcleo de estudo de População e Sociedade –Guimarao, Portugal.

sont investies dans l'agriculture, dans la plantation de la canne-à-sucre pour la fabrication de l'eau-de-vie et en céréales telles que le maïs et les haricots. Certains mineurs déjà établis dans la région montagneuse de la Mission de Santana do Sacramento (Sainte Anne du Sacrement) – actuelle ville de Chapada dos Guimarães – commencent, aussi, à fournir des aliments pour l'Intendance Royale, devenant des seigneurs très cossus de moulins à sucre et du plus grand réservoir de main d'oeuvre d'esclaves de la Province.

Abstract

The Captaincy of Mato Grosso, bordering with the Spanish domains west of the Portuguese colony in Brazil, emerges with the discovery of gold in the beginning of the 18th century. Because of the decline of the mining extraction in Cuiabá and Mato Grosso, the resources obtained with the mining are invested in agriculture, in the plantation of sugar cane for the production of white rum and in grains such as corn and beans. Some of the miners already settled down in the mountain region of «Missão de Santana do Sacramento» – today called Chapada dos Guimarães – also start to provide food for the Fazenda Real (Farm Real) becoming themselves successful owners of sugar mills and of the largest group of slaves in the province.

Resumo

O objetivo deste trabalho será o de desvendar uma realidade colonial brasileira no limiar dos domínios espanhóis, inimigo sempre presente na fronteira, a mais remota dos domínios portugueses na América, que se constitui, durante todo o sé XVIII, numa região limítrofe com fronteiras sociais e culturais que caracterizariam seu árduo e violento processo de ocupação e povoamento. Uma economia voltada para o abastecimento interno e a produção dependente de uma mão de obra escrava africana. Encarecida mais ainda pelas dificuldades das distâncias dos portos até o sertão Mato-grossense. Revelar um Mato Grosso pouco conhecido. Com uma sociedade senhorial cuja realidade, vai de encontro noção de decadência, abandono e miséria em que teria se tornado esta região após o declínio do ouro na segunda metade do século XVIII, tornando-se, na primeira metade do XIX, o celeiro da Capitania.

A Missão de Santana do Sacramento, criada em 1751, com a chegada do primeiro governador da recém criada capitania de Mato Grosso, Antônio Rolim de Moura, tem alterado seu nome para *Lugar de Guimarães* em 1769, pelo então terceiro governador da Capitania,

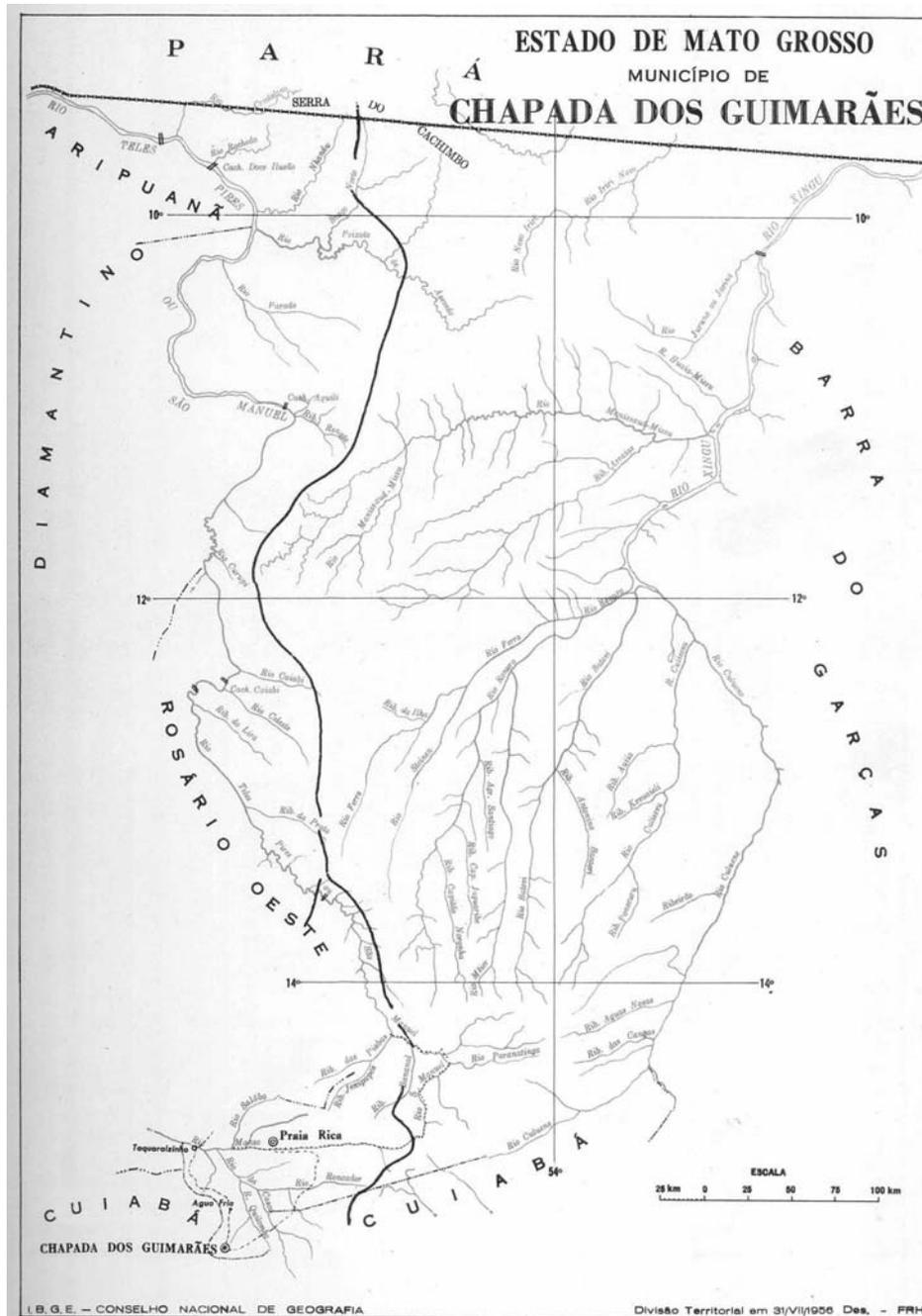
Luiz Pinto de Souza Coutinho. O governador seguia ordens da Coroa dadas em 1758, para que «se denominassem com os nomes correspondentes as cidades, vilas e lugares de Portugal, de sorte que hajão de mostrar no mesmo apelido o imediato domínio as coroa a quem pertencem». Vê-se no gesto de Souza Coutinho, além de um ato político, uma clara homenagem a Guimarães, cidade berço da nação portuguesa, que nasce em 1128 com Dom Afonso Henriques. Hoje, Patrimônio da Humanidade.

As primeiras notícias oficiais da ocupação da região então conhecida como Serra Acima, atual Chapada Dos Guimarães datam de 1720, quando da doação de Carta de Sesmaria pelo Capitão General de Capitania de São Paulo, Rodrigo César de Menezes, ao Tenente Coronel Antônio de Almeida Lara, paulista de Sorocaba, em 1726. Quando da solicitação da Carta, o tenente a justifica por já (...) *estante nas Minas do Cuiabá, e sitiado e afazendado na Chapada havia já seis anos com fazenda de gado, roças, canaviais e criações, com engenho em que empregava mais de trinta escravos.* (Carlos Rosa, 1995: 42). É neste momento que se tem notícias oficiais também sobre o primeiro plantel de escravos levados para Chapada.

Distante 10 léguas da primeira Vila a ser erigida após as descobertas de ouro ao seu entorno em 1727, Cuiabá, Chapada dos Guimarães, de clima sempre fresco e constantemente envolta em neblinas frias e densas, em nada lembrava a imagem do sertão quente, sufocante e insalubre como descreviam Mato Grosso os viajantes e cronistas. Em paragens tão agradáveis, de solo rico, fixaram seus engenhos, suas lavouras e suas lavras aqueles que se tornariam os donos da terra e dos maiores plantéis de escravos, dos melhores engenhos da Província Mato-grossense.

O Mapa abaixo, mostra a dimensão da então freguesia de Chapada, considerada o maior município do mundo até o ano de 1978, sendo desmembrado a partir daí, em vários municípios menores.

A ocupação da região, portanto, dá-se quase que simultaneamente às descobertas auríferas em Cuiabá no início do século XVIII. Lara teria ali se «afazendado» desenvolvendo lavoura, além de engenho e mineração, possivelmente vislumbrando o necessário abastecimento de víveres de que a população das Minas careceria. O capitão João Antônio Cabral Camelo (1975: 15), no relato que faz sobre sua viagem ‘as Minas do Cuyabá e Goyazes já fez menção do dito engenho em 1727:



FONTE: Enciclopédia dos Municípios brasileiros – Planejada e orientada por FERREIRA, Jurandyr Pires (Pres. Do IBGE) – Rio de Janeiro - 1957, p. 39.

(...) quando eu cheguei ao Cuiabá, que foi em 21 de novembro de 1727, não havia nele mais que um único engenho, dez ou doze léguas distante da vila, no sítio onde chamam Chapada.

Antônio de Almeida Lara era minerador experiente, trazido para estas regiões pelas notícias do ouro. Veio em Monção com alguma estrutura particular adquirida em outros empreendimentos mineiros na Bahia. Alcança aqui prestígio e solidez. É agraciado pelo Capitão Rodrigo César de Menezes com o título de Brigadeiro e tornado regente das Minas do Cuiabá, provisoriamente, substituindo por um ano Fernão Dias Falcão, antes ainda de 1726. Subindo o rio Coxipó em busca de novos veios auríferos, alcança o córrego Queimado seu afluente, onde estabelece o arraial do Queimado, o que sugere ter encontrado nas proximidades o ouro procurado. Nessas incursões, fixa-se na região de Serra Acima, num lugar chamado Burity, onde desenvolve lavoura de subsistência, engenho e gado (Paulo Pitaluga, 1996: 58).

Segundo José de Mesquita, a mineração naquela região não teria sido um empreendimento tão lucrativo ou interessante por muito tempo, pois as Minas descobertas ao pé do morro de São Jerônimo, já em 1735, foram igualmente se esgotando, o que impulsionou tanto Lara como outros empreendedores para as atividades agrícolas: *vendendo por alto preço o produto de suas lavras aos que se ocupavam exclusivamente benefícios das Minas.* (José de Mesquita, 1933:33).

Teria sido Almeida Lara o precursor dos engenhos de aguardente nestas paragens, pois empreendera expedição especial rio Paraguai abaixo, nas regiões dos índios Guatós, em busca de mudas de cana-de-açúcar, onde, segundo notícias chegadas a Cuiabá, alguns sertanistas já haviam encontrado plantações. A cana-de-açúcar e a aguardente produzidas nos engenhos, não eram a princípio, atividades de interesse da coroa nestas fronteiras, visto terem nas Minas suas maiores expectativas, além de que a aguardente poderia ser mais um produto que teria de ser importado, caso não produzido aqui, o que representaria mais uma fonte para o mercado luso, conforme revela ofício datado de 1730 da autoridade fazendária, Tomé de Gouveia e Sá Queiroga, quando acredita ser os engenhos, nocivos à Fazenda Real, na medida em que não há como a Fazenda ter deste produto, os lucrativos dízi-mos. Não havendo engenhos nas minas, estas estariam sujeitas à aguardente do reino, *em que Sua Majestade se utilizaria nas entradas que estas pagam.* (Carlos Rosa, 1996: 72)

Os pareceres eram, entretanto, ambíguos segundo os interesses regionais. Em 1736, conforme Queiroga citado em Rosa, a Junta dos *bons de Cuiabá*, considerava que, (...) *demolindo-se os ditos engenhos é sem dúvida que os senhores deles não de desamparar a terra e ausentando-se também para o dito sertão [de Mato Grosso], e sem dúvida alguma ficará esta terra deserta [...], ao que acresce terem feito grandes despesas com os ditos engenhos,(..)* (1996: 72).

E, em 1739, um parecer do Conselho Ultramarino em Lisboa reconhece a importância dos engenhos, alegando que, (...) *a demolição dos mesmos acarretaria graves perturbações pela total ruína de muitos que só dos seus rendimentos subsiste, e pela perda dos dízimos.* (1996: 75). A produção de aguardente era o produto que mais empregava mão-de-obra escrava na província cuiabana.

Além da produção de aguardente, pelo período de quase um século, a região de Chapada dos Guimarães demonstrou crescente prosperidade agrícola abastecendo em alimentos a província mineradora principalmente a partir dos anos finais do século XVIII até meados do XIX. Mesquita define, neste período, como «celeiro de Cuiabá», produzindo, segundo o autor (...) *além do açúcar e seus derivados, alimentos como feijão, milho, café, mandioca etc. (...)*, (1933: 33-34). Os engenhos, no rio abaixo e na região de Chapada, começaram a ter o seu valor reconhecido [com a retração do ouro], *no período seguinte, absorverá em maior número a mão-de-obra escravizada.* (Lúcia Helena, 1984:29).

A riqueza porém da zona serrana, nas suas melhores fases que compreenderam as décadas de 1820-1830 e 1850-1865, deveu-se, segundo Mesquita, aos engenhos que produziam, regularmente, alimentos de subsistência, açúcar e a aguardente (1940: 16). A partir da segunda metade do século XVIII até segunda metade do XIX, conhecida como o *celeiro da província, centro nuclear da indústria e da lavoura de Serra Acima* (Mesquita, 1931: 45). Chapada abastecia de cereais, açúcar e aguardente a baixada cuiabana. Ressentindo o aumento no preço dos escravos a partir de 1850, assolada pela guerra do Paraguai em 1864, pela epidemia da varíola em 1867 e sofrendo, mais intensamente a partir da década de 1870, constantes ataques de índios em suas fazendas, matando seus escravos e queimando suas lavouras, e ao final do século XIX, em 1888, ano da abolição, abandonadas as fazendas pelos escravos, ela perde definitivamente este status.

O ser senhor de engenho, é título a que muitos aspirão, porque traz consigo o ser servido, obedecido e respeitado de muito. E se for, qual deve

ser, homem de cabedal e governo, bem se pode estimar no Brasil o ser senhor de engenho, quanto proporcionadamente se estimam os títulos entre os fidalgos do reino. (Antonil, s/d : 67)

Não bastava «aspirar» ser senhor de engenho e obter títulos, respeito e poder. Conforme as observações de Antonil, era preciso ter muita coragem, ser homem de cabedal, com «governo de tudo». A própria liberação de terras por sesmaria, já indicava o status de seu requerente. A coroa portuguesa, atendia ao pedido conforme as condições financeiras, as posses de quem o fazia. Ou seja, tornar-se um senhor engenho era privilégio de poucos.

A maioria dos senhores de engenho de Chapada dos Guimarães era formada por oficiais militares: Alferes (militar cavaleiro), Sargento-mor ou Capitão. Tais distinções, conferiam-lhes poder e distinção social. Em virtude de Mato Grosso se constituir em uma área de fronteira Lusa com os domínios Castelhanos, esses cargos concentravam ainda mais os interesses desses senhores, preocupados com a segurança de suas terras e seus negócios, além do *status* que tais títulos lhes garantiam.

Os senhores de engenho de Chapada não viviam isolados do mundo urbano ou da Corte, nos sertões mato-grossenses. A maioria, ainda que administrasse pessoalmente sua propriedade rural, mantinha outra morada na capital, onde passavam as temporadas das festas religiosas, após as colheitas e o final de ano, após o plantio. Não havia incorporado a rusticidade material dos nativos. Abastecia-se dos objetos importados trazidos do Rio de Janeiro, tentando manter costumes europeus, como se pode perceber em alguns inventários, que deixavam de herança de estribos a talheres de prata e faiança inglesa.

Georg H. von Langsdorff, naturalista russo com funções diplomáticas no Brasil, designado pelo Imperador Alexander I para uma expedição científica entre os anos de 1824 a 1828, quando de sua estada em Chapada em 1826, ao ser recebido por Domingos José de Azevedo, *um dos homens mais ricos de Chapada*, dono do engenho do Quilombo, ouve, de seu anfitrião, pedidos de desculpas por não recebê-lo com tudo que possui de bom, pois grande parte de sua prataria e faiança estava em sua casa de Cuiabá onde reside às vezes (Silva, 1997: 111).

É possível perceber algumas semelhanças entre os senhores de engenho de Chapada com os senhores de engenho do Recôncavo baiano, analisados por Schwartz (1988: 232), que vão além de seus títulos milita-

res e *status* social: a invocação aos seus santos protetores na nomeação das propriedades, como Santo Antônio da Barroca, São Romão, São Francisco; o estilo da construção da casa-grande e da senzala, com oratório particular; o fato de o clero ser dependente dos emolumentos cobrados ao senhor, pela administração dos sacramentos, caso não fosse, ele mesmo, um proprietário de engenho e escravos. Era o caso, por exemplo, do reverendo Manoel de Albuquerque que possuía 80 escravos em dois monjolos de farinha.

A autoridade sobre a família, senhores pouco afeitos à literatura, como foi possível perceber na leitura dos testamentos e inventários encontrados onde nenhuma «biblioteca» descrita como um bem a ser deixado, também refletiam as semelhanças. Por fim, as atividades no engenho, sempre atreladas ao calendário sazonal e às festas católicas.

Em dados de 1798, conforme a tabela número 01 abaixo, era considerável a produção agrícola na Província cuiabana, principalmente dos engenhos de aguardente de Serra Acima. Com percentuais de 61,11% do total de engenhos, 80,36% da produção de aguardente, 86,80% das estruturas para a produção de farinha, Chapada liderava a economia agrícola da Província, além da produção de arroz e feijão, para a subsistência das fazendas.

Como se pode observar na tabela no. 2, tais dados justificam a acentuada presença da população escrava, em relação às outras regiões mato-grossenses citadas na tabela no. 1, ainda que as regiões desenvolvessem as mesmas atividades econômicas.

Nas recomendações de Antonil, a aquisição dos escravos deveria obedecer a alguns critérios como a observação das aptidões destes africanos. Os Congos, por exemplo, eram bons para as lidas com a cana e também para as lidas com a casa. Os «minas», por sua vez, eram africanos robustos (Antonil: 93). O queria dizer Antonil possivelmente é que eram, portanto, fortes e resistentes às duras labutas da fábrica. Entretanto, os escravos com mistura de sangue branco, eram os mais recomendados para qualquer trabalho no engenho. Apesar de ressaltar que deviam ter cuidado com as mulatas, pois eram a perdição dos senhores.

Ardilosas e perspicazes, já com o conhecimento das realidades do cativo por ter nascido nele, suas possibilidades de negociações e seu poder de sedução aos senhores, não raras vezes, por ser sua «parte branca» do mesmo sangue do seu senhor, as mulatas e os mulatos,

TABELA 1

Engenhos de aguardente e monjolos de farinha —Mato Grosso— 1798

<i>Distritos</i>	<i>Engenhos</i>	<i>%</i>	<i>Monjolos</i>	<i>%</i>	<i>Canadas de Aguardente.</i>	<i>%</i>	<i>Alqueires de Farinha</i>	<i>%</i>
Vila Maria	2	5,5	—	—	150	2,9	600	3,2
S. Pedro d' El-Rei	2	5,5	2	25	175	3,4	220	1,2
Cocaes	3	8,3	—	—	240	4,7	500	2,7
Rio Acima	5	13,8	—	—	240	4,7	1100	6,0
Rio Abaixo	2	5,5	—	—	180	3,5	—	—
<i>Serra Acima (Chapada)</i>	22	61,1	6	75	4.030	80,3	15.920	86,8
<i>Total</i>	36	100	8	100	5.015	100	18.322	100

FONTE: Tabela elaborada a partir de informações do doc.: Engenhos de Fazer cachaças e Farinhas e Monjolos existentes desde Villa Maria do Paraguai the a Faz. São Lourenço. Lata 1798-B, APMT.

TABELA 2

Número de escravos por Distrito —1798

<i>Distrito</i>	<i>Escravos</i>	<i>%</i>
Vila Maria (Cáceres)	59	5,6
S. Pedro d'El-Rei (Poconé)	42	4,0
Cocaes (Livramento)	66	6,3
Porto G. p ^a cima (Rosário)	95	9,1
Porto G. p ^a baixo (S. Ant. do Leverger)	42	4,0
<i>Serra Acima (Chapada)</i>	738	70,8
<i>Total</i>	1042	100,00

FONTE: Tabela elaborada a partir de informações do doc.: Engenhos de Fazer cachaças e Farinhas e Monjolos existentes desde Vila Maria do Paraguai até a Faz. São Lourenço. Lata 1798-B, APMT.

teriam maior acesso aos senhores e suas «Donas», facilitando a comunicação entre eles. Possivelmente seria neste aspecto que Antonil os considerava melhores que os africanos nas lidas do engenho.

«Canada» era a medida de líquido que representava, cada uma, 2.662 litros. Assim sendo, em medidas atuais, essas canadas representariam uma produção em litros para Vila Maria, (Cáceres) de 399,300 litros, S. Pedro d'El Rei (Poconé) 465.850; Cocais (Livramento) e Rio Acima, (Rosário Oeste), 638.880; Rio Abaixo, (Santo Antonio do

Leverger), 479.160 litros e Serra Acima (Chapada dos Guimarães) com 10.727,860 litros em 1796 (Crivelente, 2000: 65). A medida de alqueires corresponde a 36,27 litros. Nesse ano, representou 577.418,40 litros. Rio Acima (Rosário Oeste), que mais produziu depois de Chapada, produziu 39.897 litros.

Os valores percentuais acrescidos à tabela original ratificam a supremacia da produtividade agropecuária em Chapada dos Guimarães, nos últimos anos do século XVIII: o percentual de 70,82% da população escrava para a região revela que, pelas colocações de Mesquita, a respeito da economia Chapadense nas décadas de 1820-30 e depois 1850-65, a região de Serra Acima se manteve altamente produtiva desde a segunda metade do século XVIII, com alguns poucos espaços de estabilidade pelo menos até 1865. Carlos Rosa (1976:14) lembra que:

Inviável a mineração, a agricultura de típica subsistência recebe novas forças e se amplia [...] O plantio e beneficiamento do algodão recebem, em 1813, algum incentivo, mas é a cana de açúcar a cultura mais gratificante dada a diversificação de seus derivados. Em 1796 existiam 79 engenhos em Cuiabá, tornando-se logo a «Serra Acima» - Lugar ou Chapada dos Guimarães - a principal área de produção.

Uma interessante documentação da Provedoria da Fazenda exige que se debruce um pouco mais sobre a característica da emergente produção agrícola em Chapada: no ano de 1798, a Provedoria recebe declarações em que os proprietários de engenho esclarecem-na sobre suas atividades agrícolas e de mineração neste ano. Vale a pena à observação de uma delas, do minerador Antônio da Silva Albuquerque, que está iniciando suas atividades agrícolas neste período:

O Sargento mor, Ant.º da Silva Albuquerque declara que possui um engenho de fazer cachaças em Serra Acima [...]. no qual principiou este presente ano a fazer cachaça [...] e que ignorava quanto podia fazer anualmente pela pouca experiência que tem e que de farinha não havendo falta de milho, e outros inconvenientes faria, ou poderia fazer duzentos alqueires por mês. Em quanto (sic) os escravos que ocupa nesta fábrica anualmente entre pequenos e grandes e de ambos os sexos e outros que por doentes não podem sofrer o trabalho de minerar serão quarenta, e porque estes não podem vencer os serviços de avultadas roças que por ordem do Dr. Juiz de Fora e Provedor da Real Fazenda tem feito, socorrendo continuamente os Armazéns de S. Mag.e. com os provimentos necessários se vê muitas vezes na necessidade de tirar da extração do ouro de vários serviços que tem de talho aberto, outro igual número [*de escravos*] (...) para colheita e capinas,

mandando-os logo depois ao exercício de minerar em que se acha atualmente ocupado. Cuiabá, 30 de julho de 1798.²

Já Valentim Martins da Cruz, imigrante português, Minhoto nascido em de São Miguel de Alvarans, no Arcebispado de Braga era, ao que parece, mais seguro e experiente. Ele declara, no mesmo dia, que emprega no seu engenho São Romão, às margens do Rio da Casca em Serra Acima, *setenta* escravos, para a fábrica de fazer cachaça e farinha de milho e, ocupando na mineração, seu melhor de *trinta* escravos entre grandes e pequenos e de ambos os sexos.³

Da mesma forma, Alexandre Pereira Gaspar, como administrador do Furriel (hierarquia militar) Apolinário de Oliveira Gago, que se achava destacado em Cuiabá, declara por este que faz anualmente, «tendo milho, seiscentos alqueires e que trás ocupados nesta fábrica, vinte e cinco escravos entre grandes e pequenos e de ambos os sexos».⁴ Podemos observar que, todos produziam farinha de milho e não de mandioca, esta mais comum nas outras áreas da colônia. Leila Mezan Algranti, tratando dos hábitos e costumes na colônia em *Famílias e vida doméstica*, comenta que «o alimento principal da dieta dos colonos foi durante muitos séculos a farinha de mandioca, preparada de muitas formas...». (Algranti, 1997:124). Lembra, contudo, a autora que a farinha de mandioca, fora trocada pela farinha de milho em São Paulo e Minas Gerais. Sendo a farinha de mandioca mais comum no Nordeste. Isto se explica pelo fato de Mato Grosso ter sido colonizado por paulistas e portugueses vindos de São Paulo mesmo ou das exauridas minas de Minas Gerais, mantendo continuamente estreito contato com São Paulo através das monções, e com Minas pelo trânsito de mineradores e escravos, ratificando os costumes.

Através das declarações podemos perceber uma boa gama de indícios sobre a economia chapadense e cuiabana num determinado período, assim como sua preocupação mais acentuada com a fronteira

2 NDIHR. - AHU Microfilme, rolo 05. Provedoria da Fazenda *Documentos manuscritos avulsos para a História da Capitania de Mato Grosso. 1801-1809* - Requerimentos e Recibos. Neste período o juiz de Fora era o Dr. Luiz Manoel de Moura Cabral.(Siqueira, RIHGB, 1850, p.40)

3 NDIHR. - AHU Microfilme, rolo 05. Provedoria da Fazenda *Documentos manuscritos avulsos para a História da Capitania de Mato Grosso. 1801-1809* - Requerimentos e Recibos.

4 Id.Ibid.

espanhola, a conjuntura europeia e seus desdobramentos na colônia. Percebemos uma realidade de continuada atividade mineradora e, aparentemente, não apenas secundária mas, ao contrário, uma atividade de extrema importância para os proprietários de engenho, dividindo os escravos entre esta e a produção de alimentos, às vezes intensificada por ordens do Governo, como foi o caso de 1798.

Indicam ainda que a atividade agrícola, *em maior escala*, para estes senhores, tenha se iniciado como uma alternativa econômica a mais e não por representar uma única saída num período de crise e pobreza. No ano de 1798, pelo que se pode perceber, a Fazenda Real, para quem os engenhos já forneciam alimentos, necessitou de um volume maior. De Portugal, chegavam ordens régias para que se reforçasse a fronteira com os espanhóis. Isto requereu um maior contingente de soldados, como Siqueira (1850: 38), relata em seu *Histórico*:

Recebeu o nosso Exm. General ordens da corte para fortificar as fronteiras desta capitania, porque se acham nas fronteiras do reino as tropas portuguesas e hespanholas. Expediu logo o general ordens ao mestre de campo para recrutar um avultado número de dragões e pedestres.

Entre os meses de julho e setembro, chegaram a capitania, vindos de São Paulo e Rio de Janeiro, 283 soldados entre dragões e pedestres, fora os componentes oficiais. Este movimento de reforço bélico à Capitania de Mato Grosso, era resultado das instruções do Marquês de Pombal aos governadores, para que todas as capitanias ajudassem-se mutuamente, em especial na área militar, garantindo a *força do Estado*. (Maxwell, 1996:128-129).

Em 1815, conforme se verá na tabela número 3, Chapada já computava um total de 3.743 indivíduos entre livres e escravos. A população indígena não aparece nos dados. A tabela aponta para a perspectiva da economia chapadense que, adquire novos contornos, desde que a produção de alimentos também é direcionada para a Fazenda Real.

Entre os anos finais do século XVIII (1798), e a primeira metade do século XIX (1815), Chapada viu crescer a população escrava em 65,6%. Passa de 738 escravos para 2.147 em 17 anos. É bastante representativo esse percentual, para um período da economia mato-grossense em que se acreditava decadente e empobrecida após o declínio acentuado da mineração.

TABELA 3

População de Chapada dos Guimarães segundo a condição social, cor e faixa etária Em 1815

Idade	Escravos		Pretos Liv.		Mulatos Liv.		Branços		Totais
	H-M	T	H-M	T	H-M	T	H-M	T	
0 a 15	183-183	366	20-17	37	147-148	295	175-173	348	1 046
15 a 45	845-334	1 179	19-28	47	131-152	283	140-181	321	1 830
+ de 45	56-546	602	16-23	39	50-33	83	89-54	143	867
<i>Total</i>		<i>2 147</i>		<i>123</i>		<i>661</i>		<i>812</i>	<i>3 743</i>

FONTES: Tabela por nós elaborada a partir de mapas de pop. de ASSIS, Edvaldo de. *Os mapas de habitantes de Mato Grosso (1768-1872)*- Guia de Pesquisa. Dissertação de Mestrado- USP,1994. Cf. também Mapa da população da Capitania de Mato Grosso no ano de 1815, Segunda repartição, In: *RIHGB*, vol. XX, p.294.

Cocais (Livramento), conforme se observa no quadro abaixo, detém sozinha, a maior número de lavras auríferas enquanto em 1818, hegemônica nos engenhos, Chapada ficava em quarto lugar na pecuária, com 08 *grandes fazendas*, abaixo de São Pedro d'El rei (Poconé), com 31 fazendas, Rio Cuiabá acima (Rosário Oeste) com 14 fazendas e Vila Maria e seu distrito (Cáceres) com 10 fazendas.

Observando-se os totais, os 153 engenhos de açúcar, rapadura, farinha, lavoura de feijão, arroz, milho, as 90 fazendas grandes de gado e as 74 lavras de ouro, certamente tinham um mercado maior do que poderia absorver as 02 vilas, 04 Freguesias e uma população de 29.801 indivíduos. Vila Bela, a Capital desde 1752, com seu estigma de insalubre, tem pouquíssima representatividade tanto econômica quanto social e administrativa, para o conjunto da Capitania. Diamantino, Coceas, Poconé, Rosário e principalmente Chapada dos Guimarães, faziam parte, conforme Rosa, do *núcleo decisório da Capitania* (1976: 20), liderado por Cuiabá, que retoma o *status* de Capital oficial, a partir de 1835. Neste núcleo, se concentrava o poder econômico e social da Capitania.

A criação de gado, significativa pelo que demonstra o quadro a seguir, já era, na década de 1720, ainda que de forma embrionária, colaboradora no processo de fixação da população. Trazido a princípio pelos rios, vindo do sul, o plantel é aumentado à medida que se abrem caminhos de terra para as minas de Goiás na década de 1736. Em 1755, a carne do cerrado contribuiu para a reconstrução de Lisboa, após o terremoto, com tributos cobrados pela Coroa (Elmar Arruda, 1983: 33).

QUADRO 1

Descrição Estatística da Capitania de Mato Grosso, seus Distritos, Freguesias, Igrejas, estabelecimentos, profissionais, lavras, engenhos e população-1818.

DISTRITOS	Vilas	Freguesias	Capelas Filiais	Lojas de fazenda seca	Lojas de molhados	Vendas	Sapateiros	Alfaiates	Carpinteiros	Pedreiros	Ferreiros	Ourives, Latoeiros, Fumileiros e Caldeiros	Fazendas grandes de gado	Lavras de Ouro	Engenhos de farinha, rapa-dura, açúcar e cachaça	POPULAÇÃO
Vila Bela	1	1	2	8	—	12	6	8	8	6	5	4	1	—	6	2.354
Casalvasco	—	—	1	—	—	—	1	—	2	1	—	—	3	—	1	464
Lavrinhas	—	—	1	—	—	2	1	2	3	—	—	—	1	3	4	667
Jaurú	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2	—	—	202
São Vicente	—	—	1	2	—	4	2	—	—	—	2	—	—	5	3	718
Santa Ana e Pilar	—	—	2	3	—	2	4	3	5	4	4	—	—	3	1	517
Ourofino e Chapada	—	—	2	—	—	1	2	—	1	—	2	—	1	1	7	348
Buriti	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	1	1	216
Cuiabá	1	1	5	26	8	105	40	22	30	9	15	25	4	6	1	5.457
São Pedro d'el-rei	—	—	4	2	—	2	18	9	10	5	12	5	31	5	18	2.762
Serra acima até o Rio Grande	—	1	—	—	—	5	6	5	33	5	6	4	8	7	36	3.472
Cocães	—	—	2	—	—	4	8	3	7	1	6	2	5	30	21	3.295
Rio Cuiabá acima	—	—	2	—	—	—	5	4	7	1	3	1	14	2	13	3.378
Rio Cuiabá abaixo	—	—	1	—	—	—	—	—	7	—	—	1	1	1	4	1.399
Arraial																
Diamantino	—	—	1	13	2	34	7	9	4	5	4	5	7	10	27	2.079
Forte do Príncipe e seu distrito	—	—	1	—	—	—	1	1	2	1	2	—	—	—	1	438
Coimbra e seu distrito	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2	—	—	793
Vila Maria e seu distrito	—	1	1	—	—	2	4	3	10	3	3	3	10	—	9	1.242
TOTAL	2	4	27	54	10	174	105	69	129	41	65	50	90	74	153	29.801

FONTE: RIHGB. Descrição Estatística da Capitania de Mato Grosso, seus Distritos, Freguesias, Igrejas, estabelecimentos, profissionais, lavras, engenhos e população- 1818 Vol.: XX – 1875

Segundo Spix e Martius (s/d: 141), era comum chegar ao porto do Rio de Janeiro *as gentes* do sertão de Cuiabá e Mato Grosso, voltando com tropas carregadas de produtos europeus, para as necessidades no sertão. Não parece, portanto, um equívoco supor que da província de Cuiabá, levassem outros produtos, além das pedras preciosas e o ouro. Para os autores:

Quem quase semanalmente empreende viagem a cavalo de cinco a seis milhas, para assistir à missa e para visitar os vizinhos, também não se assusta por efetuar uma caminhada de algumas centenas de léguas, quando se trata de fazer a troca das colheitas de um ou mais anos pelos produtos estrangeiros.

Pela significativa produtividade de Chapada dos Guimarães, Diamantino, São João d'El Rei e Rosário do Rio Acima, os produtos cultivados eram basicamente os mesmos, o que nos faz pensar que a produção das lavouras e das fábricas de açúcar e aguardente passa a ser a moeda forte utilizada nas permutas com produtos trazidos do Rio de Janeiro, principalmente após o declínio do ouro e o crescimento das zonas de agricultura e pecuária.

As observações de Hercule Florence (1948:196) desenhista de Langsdorff, quando estiveram no engenho Buriti de D. Antonia, sobre as dependências da casa grande, contribuem bastante para desvendar um pouco mais o cotidiano dos engenhos em Chapada:

Entramos numa sala ao rés do chão que serve de sala de recepção e de jantar, além de cozinha. No fundo ficam o engenho ou moinho de moer cana e a grande pipa para recolher a aguardente de cana; à esquerda as fôrmas para refinar o açúcar bruto. D. Antonia tem sua rede armada perto da porta de entrada, à direita: ali passa ela os dias a fumar e a dirigir o trabalho das pretas e mulatas.

Nos relatos de Langsdorff, revelam os aspectos de um engenho que revela o cotidiano de um senhor de escravo em Chapada em suas características próprias, porém desvendando práticas típicas de um imigrante que se fez senhor de engenho e tido como um dos mais ricos de Chapada.

O sofrimento da partida de Portugal até a chegada ao novo mundo, as expectativas de enriquecimento com as Minas, a necessidade de amparo e confiança na Metrópole, o teria transformado numa pessoa avarenta a ponto de contar os grãos do café colhido para que os escravos não o roubassem, temeroso de um possível empobrecimento e fracasso justo nas terras do Eldorado. Até porque, imigrante que era, não

deveria passar por sua mente a menor possibilidade de um retorno a Portugal, falido, fracassado. Afinal, ele viera, como os demais, «fazer a América». A briga com o filho, por este ter participado das comemorações da Independência na província, foi um sintoma dessa lealdade à corte, a qual ainda se sentia ligado.

Vindo da Fazenda de Dona Maria Luíza da Silva - Engenho Bom Tempo, que distava meia-légua (3,300 Km.) do engenho de Domingos José de Azevedo, *às margens do rio Quilombo*, e esta distando de Cuibá 14 léguas, ou seja, 92 Km, Langsdorff (Silva, 1997: Vol. III: 111) descreve o que seria o engenho de um dos homens mais ricos de Chapada:

Chegamos a um engenho de açúcar, que, apesar de novo, dava a impressão de decadência e desleixo, com sua construção mal-acabada e paredes de reboco) Custamos a crer que era a casa de pouso de Domingos José de Azevedo, conhecido como um dos homens mais ricos da Chapada. Mas, por insistência do nosso guia, paramos na escada e perguntamos pelo proprietário, que veio logo em seguida e nos acolheu com hospitalidade. Era um típico europeu (de Portugal) de 74 ou 75 anos. Recebeu-nos e foi logo oferecendo a sua casa, com muita franqueza, o que nos tocou muito (...).A mesa estava bem posta e, como é costume ali, bastante farta, servida com talher de prata, faiança inglesa, mas sem exageros .

Esse homem «típico» português também não passou despercebido pelo desenhista da expedição. Florence, (1948:203-204), antipatizado com Domingos José de Azevedo desde que soube que uma escrava sua, achara um diamante valioso o bastante para comprar sua liberdade *quatro vezes*, no entanto ao entregá-lo ao seu senhor, este se apossou dele sem lhe conceder tal benefício. Florence o descreve como sendo um homem do qual não valia a pena se ocupar em reflexões:

Viúvo, tem filhos e filhas, mas com nenhum deles mora. Vive só com seus escravos em número de trinta, empregados na cultura da cana.[...] Falou-nos da mulher, e ao nos levantarmos da mesa, levou-nos para os seus aposentos, que eram dois quatinhos. No fundo suspendeu do soalho um alçapão e mostrou-nos uma salinha colocada no primeiro pavimento, escura, úmida e com uma única janela de grades que dava para o engenho de cana. «Aqui em baixo, disse-nos ele, é que eu guardava a mulher, quando tinha de sair de casa. Ela descia por uma escadinha que eu recolhia e recebia alimentos pela janela do engenho.»

Costume que provavelmente tenha sido adquirido pelo medo de ser por ela também abandonado. Apesar da avareza e maldade que denotaria indiferença, devia assombrá-lo a solidão.

Homem rústico no trato que, contudo, procurava manter certos costumes europeus. Pelos utensílios postos na mesa do jantar, não devia tratar-se de uma figura pobre mesmo quando em Portugal. Tais hábitos, certamente vieram com ele e, a persistência deles no bruto e longínquo sertão, é notável. A mesa farta devia ser composta de carne, feijão, arroz, farinha de milho, toucinho, produtos ali mesmo cultivados. Além da aguardente é claro.

Mesquita (1933:37), descreve um engenho chapadense como tendo as senzalas, monjolo, moinho de fubá e paiol. Os engenhos mais produtivos, ou melhor estruturados, possuíam ainda, olaria e serraria. A capela era parte do espaço compreendido entre a fábrica e a «casa grande» *vasta e patriarcal* que, invariavelmente, abrigava extensa família. Detalhes em uma narração e outra permitem uma larga visão desse cotidiano. As diferenças deveriam ficar por conta de outras coisas que se podia produzir no engenho além do estilo pessoal de cada senhor em administrar sua propriedade.

Os costumes religiosos católicos introjetados pelos senhores de engenho no cotidiano da escravaria, como a reza e a louvação, porém não eram de todo aceito pelos escravos, que em pequenos detalhes, inseriam expressões próprias. No engenho de Dona Antônia, era costume darem a louvação quando se encontravam os senhores, seus agregados e seus escravos.

Conforme Florence, (1948:193) esta louvação era (...) *os bons dias dos escravos para o amo, do filho para o pai, do afilhado para o padrinho, do aprendiz para o mestre*. Florence, concluiu que os escravos de Dona Antonia, como (...) *os pretos que estropiam todos os vocábulos portugueses, fizeram dessa frase uma corruptela que exprimem por esta bárbara palavra: « Vasucris»*.⁵ Não percebeu talvez o desenhista, um sinal de resistência dos cativos aos costumes brancos, agregando esta palavra ao seu próprio vocabulário. Para ele, era apenas um ato de «estropiar» o vocabulário português. Os escravos africanos, especialmente os recém chegados, pouco ou nada sabiam das rezas cristãs e tão pouco as teriam como suas apenas por exigências do senhor.

5 O significado desta palavra não foi esclarecido por Florence por desconhecimento talvez. Possivelmente era uma palavra com base na língua natal dos escravos de D. Antonia. Quando Florence a classifica de *bárbara palavra*, pode estar querendo dizer que era oriunda de língua africana.

Tais exigências se deviam, para a Igreja, ao respeito e submissão aos preceitos Católicos. Na verdade a preocupação com as questões espirituais e físicas do cativo, cumpria sempre interesses econômicos do senhor e da colônia. Um escravo cristianizado, assimilado, era um escravo de quem se esperava conseguir a obediência e mansidão e portanto maior produtividade. O escravo era um patrimônio caro, especialmente os africanos. A exemplo disso, temos a queixa apresentada ao Juiz de Órfãos, pelas irmãs de Valentim (neto),⁶ pelo fato de o irmão estar com uma escrava doente em sua casa, por maus tratos e que pertencia ao espólio da família. As moças reclamam o direito de tomar-lhe a cativa para cura-la, pois temiam perder o patrimônio, caso viesse a falecer.

O ritual do batismo em que eram inseridos à religião cristã, na colônia, tinha, para os africanos bantus do Congo a princípio, um significado bastante aterrador. A ingestão do sal, imposta pelos padres como uma prova de aceitação do Deus cristão, significava para eles converter-se, europeizar-se. E, se isso ocorresse, *se fossem forçados a comer sal na cerimônia do batismo, ou em comidas salgadas deveriam perder as esperanças de algum dia voltar para a África.* (Mary Karasch, 2000:343) O batismo era o único sacramento que interessava para a Igreja Católica, inserir os escravos recém chegados. Ou seja, o da conversão.

Quando da visita ao engenho de Domingos José de Azevedo com Langsdorff, viu Florence (1948:204) que, apesar da violência com que Domingos tratava seus escravos, mantinha hábitos religiosos que os incluíam. O anfitrião reunia todos os escravos para rezarem juntos uma ladainha após a refeição. Na verdade, tal ato revela mais a preocupação e a ilusão do senhor em manter domesticado seu plantel, através dos rituais católicos.

Com os escravos minas e angolas no plantel, e a diversidade de cosmogonia entre eles, é possível supor que a aparente conversão fazia parte de uma certa trama, uma estratégia de sobrevivência tanto para um quanto para outro. Mais facilmente elaborada pelos angolanos devido a sua prática em África de anexação de novos rituais aos seus, desde que tivessem os mesmos objetivos ou facilitassem o alcance dos seus objetivos primeiros: defesa e proteção contra o mal, boa fecundidade, farta colheita, riqueza e segurança. Os santos católicos tiveram,

6 APMT. Cartório do 5.º Ofício, maço 25, Proc. 374.

entre estes, espaço privilegiado nas práticas religiosas. Cada um traria consigo uma simbologia agregadora de suas próprias crenças, agora no espaço do cativo. Os escravos africanos minas, por sua vez, mais arraigados às práticas muçulmanas imporiam maior resistência (Karasch, 353-355).

Antonio Corrêa da Costa, do Engenho da Conceição, seguramente devia ser outro dos homens mais ricos de Chapada. Quando morreu em 1883, era proprietário de 3 sesmarias, todas no Rio da Casca, sendo que na maior delas, era onde tinha seu engenho: *Uma sesmaria de matas e de lavoura e campos de criar com uma légua em quadra, digo, duas léguas em quadra de extensão, situada no lugar denominado «Rio da Casca», distrito da Chapada, com casas de vivenda e de engenho, sendo a mesma sesmaria medida e demarcada.*⁷

A descrição das sesmarias e dos bens inclusive de Cuiabá, com casas, chácara às margens do rio Cuiabá, com vivenda, *morada de casas com acomodação para negócio* e 17 escravos, revelam uma certa estabilidade econômica, possivelmente mantida ao longo do tempo. Antônio Corrêa da Costa vem de uma família de senhores de engenho, como Francisco Corrêa da Costa, proprietário de 34 escravos, em 1798. O filho de Antonio Corrêa da Costa por exemplo, Antônio Corrêa da Costa Junior, era, na época do Inventário, bacharel em Ciências Físicas e Naturais pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro,⁸ o que, evidentemente, só era possível numa família de posses.

José Pedro Gomes era, como os outros, fornecedor de alimentos e escravos para a Fazenda Real,⁹ e um dos maiores proprietários de escravos de Serra Acima, em 1798 possuía sozinho, nos seus dois engenhos, 98 escravos. Em um dos engenhos, próximo ao Quilombo, produzia cachaça, farinha e milho, enquanto no engenho de Cuiabá, produzia apenas farinha e milho. Este senhor aparece numa correspondência entre Diogo de Toledo Lara Ordonhez, ouvidor interino e o Capitão General João de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, de maio de 1791, como um fornecedor com uma prática de fornecimento não muito do agrado da Fazenda.

7 Cartório do 5º Ofício, Juízo de Órfãos da Comarca de Cuiabá, Lata 1883, doc.231. APMT

8 Idem.

9 Documentos da Provedoria da Real Fazenda, séries: Recibos de saídas e entradas, relação e requerimentos. 1801 a 1809. Microfilme NDIHR.

O Ouvidor interino Diogo de Toledo Lara Ordonhez, reclama da conduta de José Pedro e de Francisco Correa da Costa, um médio proprietário de escravos. Ambos estariam especulando com o preço e retendo a farinha e o feijão que deveriam enviar para a Fazenda Real, por receio na demora do recebimento. Sabiam os senhores que a Fazenda estava sem recursos para pagamento e este só viria quando da chegada da próxima Monção no final do ano.

Bastante chateado com a situação sob sua ouvidoria, Ordonhez faz alusão até mesmo a possibilidade mandar prende-los, especialmente a estes dois:

...de tal sorte que por vezes tenho citado em termos de mandar prender a Ordem de V.Exa. a dois, chamados José Pedro Gomes e o Tenente Francisco Correa da Costa, os quais pelo interesse de alguma oitava, que querem apurar tem abusado das minhas atenções, mentido e obrado com maiores ridicularias que se pode imaginar. A maior queixa de todos eles é o eu mandar informar os Regtos. das farinhas com o preço por as mesmas se tem vendido.¹⁰

Próximo ao engenho de Pedro Gomes, estava o de Domingos José de Azevedo com seus 30 escravos e o de José da Silva Coelho, produtor de aguardente, farinha e milho, com 22 escravos. O primeiro distando 13 léguas de Cuiabá (85Km) e os outros dois, a 14 léguas (92Km).¹¹ Eram, em sua maioria, engenhos de médio porte, característicos de uma economia de subsistência, como era considerada a Capitania. O que, contudo, não tirava de seus proprietários, o prestígio e o poder que o *ser senhor de engenho* lhes conferia. Todos seriam considerados por Robert Slenes, como proprietários de grandes plantéis.¹² Grandes e médios plantéis só se justificavam numa produtiva propriedade agrícola. E, neste sentido, a tabela número 4 permite que se observe o tamanho dos plantéis de escravos em Chapada dos Guimarães, com predominância para os médios:

10 APMT, Caixa 1791, Justiça doc. 373 - Correspondência: Ouvidor Interino Diogo de Toledo Lara Ordonhez - Justiça.

11 As medidas em léguas foram conferidas no Dicionário Aurélio - 1 légua de Sesmaria equivalia a 6.600m.

12 O autor classifica assim os plantéis de acordo com o número de escravos: de 01 a 09 escravos = plantéis pequenos e de 10 a 41 escravos = plantéis médios, de 41 ou mais = plantéis grandes. Ver: Slenes, Robert W. Escravidão e Família: padrões de casamento e estabilidade familiar numa comunidade escrava (Campinas, Século XIX) In.: *Estudos Econômicos* - 17 (02): p. 217-227. Campinas: UNICAMP, Maio/Ago. 1987, p. 209.

TABELA 4

Distribuição econômica e posse de escravos de Chapada dos Guimarães - 1798

<i>Proprietários</i>	<i>Engenhos</i>	<i>Escravos</i>	<i>Tam. De Plantel</i>
Sarg. Mor. Antônio da Silva Albuquerque (Eng. São Francisco)	01	40	Médio
Capitão Luiz Monteiro Salgado	01	60	Grande
Apolinário de Oliveira Gogo	01	25	Médio
Valentim Martins da Cruz (Eng. São Romão)	01	100	Grande
Domingos Dias de Abreu (Eng. Rio da Casca)	01	32	Médio
José Gomes de Barros (Eng. Rio da Casca)	01	44	Grande
Paulo da Silva Coelho (Eng. Sto. Antônio da Palmeira da Lagoinha)	01	45	Grande
José da Silva Coelho	01	22	Médio
José Manoel Fernandes da Paixão	01	23	Médio
Maria Roiz	01	20	Médio
Domingos José de Azevedo Eng. Do Quilombo ou N.S.do Carmo)	01	30	Médio
José Alves dos Santos (Eng. Sto. Antônio da Serra)	01	37	Médio
Francisco Corrêa da Costa	01	34	Médio
José Pedro Gomes	02	98	Grande
José do Couto da Encarnação (Eng. Bomfim)	02	15	Médio
Jacinto Gomes da Costa (Eng. N.Sra. da Barroca)	01	29	Médio
Rever.Manoel de Albuquerque Fragoso – (Eng. São Lourenço)	03	80	Grande
Domingos da Costa Monteiro	01	13	Médio
Francisco de Souza Alecrim	—	11	Médio

FONTE: Engenhos de fazer cachaças, farinhas e Monjolos – Lata 1798-B, APMT. Completada c/os nomes.

Stuart Schwartz em *Segredos internos*, fazendo uma análise dos plantéis de escravos nos engenhos baianos, especificamente do Recôncavo, considerada a região onde se concentravam os maiores engenhos da Bahia, aponta para algumas semelhanças com os engenhos de Chapada, também a região de maior concentração de engenhos para Mato

Grosso no mesmo período. Por exemplo, a distribuição do plantel por engenho: característica de planteis médios, com população cativa entre 60 e 100 escravos, o que representava engenhos de tamanho médio. Apenas 15% dos engenhos, nos dados levantados por Stuart trabalhavam com um número acima de 100 escravos. Ou seja, 80 % dos engenhos baianos produziam com um plantel de 20 a 100 escravos e apenas um, com um plantel acima de duzentos (1988: 365).

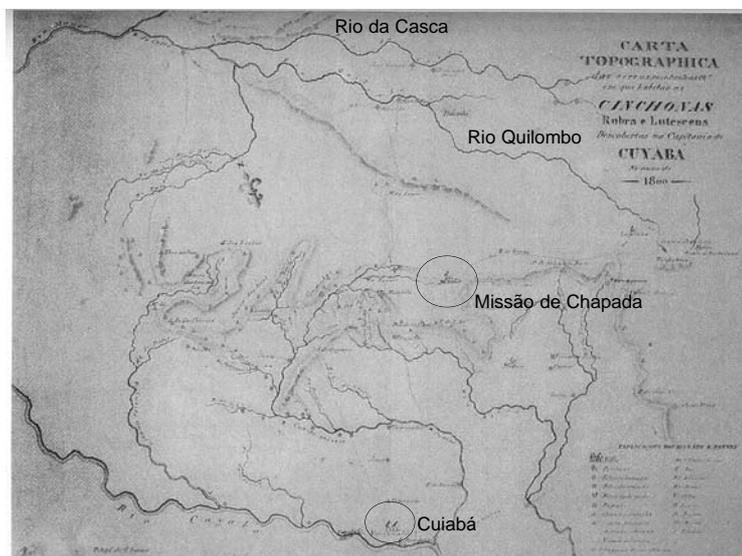
Com este levantamento, Stuart revelou que a imagem geral de grandes latifúndios densamente ocupados por escravos sob o comando de um único senhor de engenho, que se tinha da propriedade rural da colônia, não corresponde aos dados obtidos. Além de um número não tão elevado de escravos próprios, este senhor contava com o aluguel de escravos de lavradores independentes e arrendatários.

Em Chapada, encontramos proprietários que possuíam uma quantidade média de até 100 escravos divididos em várias atividades. Isto nos revela uma freguesia embora sertaneja e periférica e de economia de subsistência, bastante produtiva, como a diferenciam das demais os dados das tabelas 01 e 02, mostradas anteriormente.

Neste aspecto, é que a região passa a representar uma peculiaridade econômica e social em relação às outras, o que a define, de fato, como *Celeiro de Cuiabá*.». O engenheiro Luiz D'Alincourt relata suas impressões de Chapada na primeira metade do século XIX, como uma região próspera para os investimentos agrícola. (...) *é por ali que os cuiabanos têm os seus melhores Engenhos e fazenda e onde concorre maior cópia de víveres para abastecer a Cidade.[Cuiabá]* (D'Alincourt, 1975: 152).

As distâncias entre os engenhos não eram grandes na medida em que a maioria buscava as margens dos rios Da Casca e Quilombo. Possivelmente onde fosse mais abundante a mineração, somando-se à atividade de moer cana para o açúcar e a cachaça primeiramente. Mais tarde, a lavoura de alimentos encontraria ali campos férteis o bastante para ratificar as impressões já citadas de D'Alincourt, no século XIX, de estarem ali concentrados *os melhores engenhos dos cuiabanos*.

Concluindo, percebe-se que a produtividade, a possibilidade de riqueza e poder antes concentrada na posse de veios auríferos e diamantíferos, nas margens dos rios, reproduz-se na posse de terras férteis para lavouras de cana para o açúcar e a aguardente, para a produção de cereais e farinha de milho, formando ali uma sociedade cujo



FONTE: Carta Topográfica das Serras, montanhas em que habitam as Cinchonas – Rubra e Lutescens descobertas na Capitania de Cuyabá no anno de 1800. Isa Adonias, 1993, p. 346 – Através deste mapa foi possível localizar alguns dos Engenhos às margens do Rio da Casca e Quilombo

poder molda-se na hierarquia senhorial, na posse de escravos e na hierarquia militar, pois os postos eram divididos entre estes senhores e os seus. Neste contexto, é importante notar a participação da imigração portuguesa na formação de uma sociedade que resiste e prospera, na adversidade da fronteira que se lhes apresentou, ainda em Portugal, como sendo o eldorado no novo «novo mundo». No minguar aurífero, transporta-os para uma atividade que os fixa nesta região, a maioria definitivamente, tornando-os os senhores desta terra.

Bibliografia

- ANTONIL, André João. *Cultura e opulência no Brasil* – Ed. Melhoramentos/Inst.Nac.do Livro/ Ministério da Educação e Cultura – s/d.
- ALEIXO, Lúcia Helena Gaeta. *Mato Grosso: trabalho escravo e trabalho livre - 1850-1888*, Brasília: Ministério da Fazenda. Depto. Adm./Div. Documentação, 1984

- ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica. In: *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa.* (org.) Laura de Mello e Souza São Paulo: Companhia das Letras, 1997
- ARRUDA, Elmar. *Formação do mercado interno em Mato Grosso.* Dissertação de mestrado, PUC -São Paulo: 1987.
- CRIVELENTE, Maria Amélia Assis Alves. *Casamentos de escravos africanos em Mato Grosso: Um estudo sobre Chapada dos Guimarães – 1798-1830.* Dissertação de Mestrado, UFMT, 2000.
- D'ALINCOURT, Luis. *Memória sobre a viagem do porto de Santos a cidade de Cuiabá.* Belo Horizonte:Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1975.
- CAMELLO, João Antônio Cabral. *Notícias práticas das Minas do Cuyabá.* Cuiabá: Ed. UFMT, 1975
- FLORENCE, Hercule. *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829.* São Paulo: Melhoramentos, 1948
- KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850),* São Paulo: Companhia das Letras, 2000
- MAXWELL, Kenneth. *Marquês de Pombal: Paradoxo do Iluminismo,* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996
- MESQUITA, José de. *A Chapada Cuiabana: seu passado, seu presente, as possibilidades do seu futuro-* Ensaio para o IX Congresso Brasileiro de Geografia. Cuiabá, 1940.
- , *Grandeza e decadência de Serra Acima.* RHIGMT, 1931-1932
- ROSA, Carlos Alberto. O processo da Independência em Mato Grosso e a hegemonia cuiabana. In: *Cadernos cuiabanos - 1,* Cuiabá: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1976
- , *Esbarro no hoje, recuo no tempo, galope na história.* In: *RIHGMT,* 1995.
- , *A Vila Real Do Senhor Bom Jesus Do Cuiabá - A vida urbana em Mato Grosso no século XVIII; 1722-1808 – Tese de doutorado,* 1996.
- SCHWARTZ, Stuart. *Segredos Internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835,* São Paulo: Companhia das letras, 1988.
- SILVA, Danuzio Gil Bernardino da. (org.) LANGSDORFF. Georg Heinrich von. *Os diários de Langsdorff,* - Mato Grosso e Amazônia, 21 de novembro de 1826 a 20 de maio de 1828 - Editores: Boris Komissarov e outros. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997
- SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. Antônio de Almeida Lara, In: *RIHGMT,* Cuiabá, 1996
- SIQUEIRA, Joaquim da Costa. *Histórico chronológico das notícias de Cuyabá, repartição da capitania de Mato Grosso,* In: *RIHGB,* 1850.
- SPIX E MARTIUS, *Viagem pelo Brasil - 1817-1820 .* São Paulo: Ed. Melhoramentos, vol. II s/d.